

## 5

### Considerações finais: entendimentos contínuos

Esta pesquisa se iniciou a partir de uma questão surgida em uma de minhas turmas de inglês como língua estrangeira. Percebendo que os alunos durante a interação às vezes demonstravam orientação para informalidade e o padrão de ensino sócio-construtivo, e outras vezes demonstravam orientação para a formalidade e o padrão de instrução frontal, me interessei em desenvolver um trabalho-para-entendimento que buscasse uma discussão de como a turma entendia a interação em sala de aula.

Uma revisão teórica foi oferecida, a fim de fundamentar o paradigma de investigação, as decisões metodológicas e os conceitos utilizados na análise dos dados e nos entendimentos construídos. A pesquisa foi caracterizada como naturalista do praticante, de orientação sócio-construtivista, utilizando a Prática Exploratória como um paradigma de planejamento pedagógico-investigativo. Tracei um planejamento inicial, e o próprio desenvolvimento do trabalho-para-entendimento foi guiando o caminho a ser percorrido pelos participantes na busca por entendimentos. Uma das características principais da investigação foi partir da noção de “questão”, estabelecendo que o objetivo não era identificar a causa de um problema e desenvolver um plano de ação para resolvê-lo, e sim intensificar os entendimentos a respeito da questão investigativa.

Descrições das aulas e de seus acontecimentos por mim considerados relevantes, transcrições e reproduções de atividades escritas foram apresentados com a intenção de promover a autenticação dos dados: fundamentar meus entendimentos e *insights* e permitir que o leitor alcance os seus próprios.

## 5.1.

### Reflexão e educação

Ao longo do trabalho-para-entendimento, os enunciados dos estudantes foram discutidos de forma reflexiva. Um dos entendimentos a que cheguei após essas discussões foi o de que o discurso dos alunos sobre educação apresenta um alto grau de alteridade, sem que eles estejam conscientes disso. Esta polifonia, descrita por Bakhtin (2003) como o enunciado alheio no nosso discurso, me pareceu ter a característica de não consciência da proeminência da voz do senso comum pela falta de reflexão – descrita por Dewey (1959) como o esforço intelectual de buscar fundamentação para as crenças. Utilizei como fundamentação para esse entendimento o fato das elocuições dos estudantes apresentarem idéias que se aproximam do seu comportamento (por mim muitas vezes avaliado como de orientação construtivista) quando falavam sobre experiências individuais. Entendi que havia também idéias “não percebidas” no discurso dos estudantes, que tinham proveniência de suas vidas como alunos, mas que não haviam sido intelectualmente consideradas e por isso não eram conscientes.

Como já mencionei na seção sobre a Prática Exploratória (2.3), um de seus princípios é de que o trabalho-para-entendimento deve ser indefinidamente sustentável, e não um fim em si mesmo, coincidindo com o alinhamento de Dewey (1959) de que o pensamento é uma característica inerente do ser humano. Conseqüentemente, o trabalho-para-entendimento não termina, pois não paramos de pensar – neste caso específico, não parei de pensar reflexivamente. Por isso, então, a partir dos meus entendimentos iniciais, cheguei a outros (seção 4.2.3), e neste último capítulo apresento mais alguns, consecutivos aos iniciais, mas que não podem ser definidos como finais, porque não há tal categoria no universo exploratório.

Meus entendimentos contínuos se focaram basicamente no meu entendimento de que os alunos não têm um discurso resultante de um trabalho reflexivo e, por isso, ecoam muitas idéias do senso-comum (de cunho racionalista) em seus enunciados, apesar de participarem de forma sócio-construtivista em uma interação de mesmo caráter. Sou uma professora de orientação sócio-construtivista, e trabalho em uma instituição que também segue esta orientação,

inclusive nos materiais. Intrigou-me, então, perceber que o entendimento dos alunos não trazia esse reconhecimento.

Fixando-me no entendimento de que o meio ambiente que oferecia aos meus alunos era sócio-construtivista, me voltei a Dewey sobre esse tópico.

(...) o meio, o ambiente particular em que o indivíduo vive, leva-o a ver e a sentir mais uma coisa do que a outra; leva-o a seguir certos planos com o fito de ter bom êxito em suas relações com os outros; reforça-lhe algumas convicções e enfraquece-lhe outras (...). Deste modo, põe-se a adotar gradativamente certo modo de proceder, certas disposições mentais para a ação. (..)

(...) o meio ambiente consiste naquelas condições que desenvolvem ou embaraçam, estimulam ou inibem, a atividade *característica* de um ser vivo. (...) Exatamente porque a vida não significa mera existência passiva (a suportar-se possível tal coisa) e sim um modo de proceder e agir, - o ambiente ou o meio significa aquilo que influi nessa atividade como condição para que se realize ou se iniba” (Dewey, 1979:12)

O que utilizo destas idéias para aprofundar meu entendimento é que o meio ambiente influencia o pensamento e as ações do indivíduo, mas não necessariamente leva à reflexão. Talvez o comportamento dos meus alunos tenha sido influenciado pelo meio sócio-construtivista que procuro dar às minhas aulas, e pelo material didático também com proposta sócio-construtivista da instituição de ensino, mas não houve uma reflexão sobre isso. O próprio autor trata desse aspecto, ao afirmar que:

o meio social não implanta diretamente certos desejos e idéias, nem se limita a estabelecer meros hábitos musculares de ação (...). O primeiro passo consiste em estabelecer condições que estimulem certos modos patentes e tangíveis de proceder; e o passo complementar é tornar de tal modo o indivíduo participante ou companheiro na atividade comum que ele sinta, como seus próprios, os triunfos e os maus êxitos da mesma. Desde que esteja possuído da atitude emocional do grupo, terá sempre o cuidado de procurar conhecer os fins especiais a que o referido grupo aspira e os meios necessários para garantir o triunfo” (Dewey, 1979:15)

Levando esse argumento para a minha realidade, percebo em mim a crença de que minha orientação ser sócio-construtivista basta para dar à aula esta característica. Concluo agora que para ter uma aula construtivista não adianta apenas *ser* construtivista com meus alunos, ele têm de ser também, *conscientemente*. Aproveitando a feliz coincidência da utilização por Dewey do termo “participante”, percebo que só participa quem entende, e não posso esperar que meus alunos ajam de acordo com o paradigma construtivista apenas porque

penso criar um ambiente propício para que isto aconteça. Nas palavras do autor: “o meio subentende a participação pessoal em uma atividade comum” (Dewey, 1979:77). E, complementando com Allwright & Bailey (2001:19), “interação não é obviamente algo que se faz *nas* pessoas, mas algo que as pessoas fazem *juntas*, coletivamente”.

Refletindo sobre essa relação entre o meio, os participantes e o discurso, volto a Bakhtin e suas idéias: “O *centro* organizador de toda enunciação, de toda expressão, não é interior, mas exterior: está situado no meio social que envolve o indivíduo. (Bakhtin, 1981:121 [ênfase no original]). Relembro que na concepção dialógica bakhtiniana “é no contato entre a língua e a realidade concreta, via enunciado, que a palavra pode expressar um juízo de valor” e que “o significado é construído no discurso e essa construção envolve os participantes, a situação imediata ou o contexto mais amplo” (Junqueira, 2004:25).

Uma vez que percebi esse dialogismo acontecendo dentro da minha própria sala de aula, como mencionei no Capítulo 4, ao perceber que através da linguagem os alunos se influenciaram mutuamente e modificaram aspectos de seus discursos, entendo, então, que é necessário haver discussão sobre o processo educativo com os alunos. Entendo agora que criar o ambiente propício à orientação que planejamos dar ao processo de ensino-aprendizagem é muito pouco. Para que a aula seja efetivamente uma interação, os participantes, todos eles, precisam estar cientes do que está acontecendo, para participarem em sintonia e colaboração.

Enquanto uma maior discussão sobre a educação não estiver presente na vida social, seja em ambientes educacionais, seja fora deles, o discurso dos alunos não pode ser influenciado por idéias diferentes das do senso-comum. Entendo, após este processo reflexivo, que cabe a nós, professores, maiores interessados na divisão de responsabilidades com os alunos na interação de ensino-aprendizagem, introduzir os novos enunciados na realidade concreta da vida escolar para incluir novas vozes no discurso heteroglóssico dos estudantes, que por sua vez irão influenciar o meio ambiente a que pertencem, em um movimento dialógico constante.

Mas não basta falar sobre educação sem suscitar o pensamento crítico sobre as novas idéias; não basta apenas criar outro tipo de alteridade no discurso dos alunos. Como também vimos com Dewey (1979), é possível ter pensamentos que são mero reflexos das opiniões alheias. Porém entendo que educadores buscam

que seus alunos tenham idéias próprias, conscientes, resultantes de trabalho intelectual, para que possam exercer maior “domínio sobre as coisas” (Dewey, 1979:159), no sentido de colaborar conscientemente na interação social.

Ora, a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua. (Bakhtin, 2003:265)

...cedo ou tarde, o que foi ouvido e ativamente entendido responde nos discursos subseqüentes ou no comportamento do ouvinte. (Bakhtin, 2003:272)

Assim, entendo que todos aqueles interessados em se afastar do padrão frontal de ensino (transmissão de conhecimento) devem dar o primeiro passo através de discussão sobre o assunto com os alunos, através de trabalho-para-entendimento e reflexões. Por conseqüência, a característica dialógica da linguagem dará cabo de, ao menos, iniciar o processo de transformação da vida social na sala de aula e, por extensão, fora dela.

É importante mencionar, neste momento, que apesar do trabalho-para-entendimento não ter sido desenvolvido a fim de propor ações para mudanças, isto não exclui que elas ocorram. Maiores entendimentos me levaram a perceber um caminho de ação a favor da educação que acredito, mas isto não foi objetivo do trabalho. Além disso, orientada pelos princípios da Prática Exploratória e tendo sempre em mente a qualidade de vida da sala de aula, o que percebo dos entendimentos que alcancei é que discutir sobre questões de orientação pedagógica intensificará o entendimento de todos sobre a interação e, assim, pode contribuir para a melhora da qualidade de vida da turma.

## 5.2.

### **Minhas crenças e minha prática de ensino**

Outro entendimento que alcancei a partir da avaliação do trabalho exploratório é que é essencial analisar minha prática pedagógica e os materiais que utilizo, para avaliar se realmente promovem um ambiente sócio-construtivista. O episódio em que os alunos contestaram a utilização de um exercício do livro didático (seção 4.1, Aula 3) me despertou para a possibilidade de que a forma como eu ou o material propomos as atividades pode estar mais em conformidade

com uma postura de transmissão de conhecimento do que com a de sua construção. Baseada no exemplo do exercício em questão, que oferecia tópicos para os alunos desenvolverem diálogos rápidos criticando os assuntos (e assim praticarem a estrutura “*It’s about time*”), percebo que a idéia de dar alguma base para que as discussões aconteçam pode ser mal interpretada.

Analisando a forma como o exercício se apresenta, sem opções abertas sugerindo que os alunos criem seus próprios temas, e já até com a determinação de que deve ser feito em duplas, me parece que os alunos podem entender que se oferece uma só forma de trabalhar – e não há nada de construtivista nesta postura. Em acréscimo, a forma como eu mesma lidei com a atividade, apenas seguindo as orientações procedimentais, também acabou por se assemelhar mais ao posicionamento de ensino frontal. O resultado foi que os alunos, acostumados a trabalhar de outra forma, se posicionaram em descontentamento.

Essa reflexão me fez retornar à questão da minha crença de que me entender como sócio-construtivista resultaria em gerar uma interação com a mesma característica em sala de aula. Agora entendo que preciso estar mais atenta a como apresento minha orientação pedagógica na minha prática de ensino, evitando a postura de que o caminho que apresento é o caminho “certo”, pois com isso reforço a idéia de que o professor é aquele que toma todas as decisões. Preciso também estar atenta à necessidade de adaptar os exercícios, pois eles podem estar sendo interpretados de forma mais consoante com a visão racionalista de aprendizagem, apesar de terem sido desenvolvidos com intenção diferente.

### 5.3.

#### **A Prática Exploratória**

Todo o processo desse trabalho-para-entendimento serviu para mim como evidência de que a Prática Exploratória é um grande aliado para a pesquisa em sala de aula. Os princípios da PE se mostraram suficientemente sólidos para guiar a investigação, e suficientemente adaptáveis à vida de sala de aula, comportando suas imprevisibilidades e permitindo a continuidade ao trabalho. Não acredito que se eu já tivesse partido de objetivos pré-estabelecidos e instrumentos de pesquisa fixos, eu conseguiria integrar a pesquisa às “interferências” dos alunos na idealização do planejamento, às atividades de sala de aula, às ocasionais ausências

e atrasos (que interferem nas partes pedagógica e investigativa) e a todos os outros incontáveis elementos característicos da complexidade de uma sala de aula. Acredito, também, que sem a flexibilidade e capacidade de comportar as nuances de uma sala de aula, eu e a turma não conseguiríamos entendimentos tão intensos quanto os que alcançamos, e a qualidade de vida do grupo não conseguiria um nível tão alto de prioridade.

O que senti nos meus alunos é que eles perceberam que havia algo a mais acontecendo, mas que esse “a mais” não era dissonante nem atrapalhava as aulas. Percebi também que todos nós, professora e alunos, nos sentíamos bastante integrados como grupo e no trabalho-para-entendimento, pois havia o reconhecimento de os assuntos discutidos se relacionavam a todos. O mais surpreendente para mim foi perceber o impacto dessa integração passando para a esfera social da turma. Nos tornamos mais unidos, dentro e fora da sala, o que se estendeu após o final das aulas. Por exemplo, fizemos uma confraternização ao final do semestre letivo, e no semestre seguinte fizemos de novo, e eu já não era mais professora da turma. Foi muito gratificante pessoalmente para mim, também, durante o semestre e mesmo depois dele, ter os alunos interessados na minha dissertação, perguntando como estava indo minha pesquisa. Percebi, assim, que a Prática Exploratória realmente envolve todos os participantes no trabalho, e ao desenvolver maiores entendimentos sobre a sala de aula, inevitavelmente desenvolve maiores entendimentos sobre seus participantes, influenciando o aspecto social que toda sala de aula apresenta. Desta forma, a PE se mostra não somente um eficiente paradigma investigativo, mas também uma eficiente maneira de alunos e professores se lembrarem que, antes de serem alunos e professores, são um grupo de indivíduos, e que a aula também é um encontro social. E o que se resulta da intensificação de entendimentos, seja individual, seja em relação à interação em sala de aula, é um reflexo na qualidade de vida. Se as conseqüências vão ser boas ou não, depende do entendimento do grupo. Posso apenas dar o depoimento de que, no caso da minha turma, houve uma melhora, apesar de, desde o início, eu e os alunos já acharmos que a nossa qualidade de vida era boa.

Finalmente, esta foi minha primeira investigação exploratória que, como mencionado no início deste capítulo, começou com uma questão individual minha

e se tornou um esforço conjunto do grupo durante a investigação. Refletindo sobre todo o processo do trabalho exploratório, sobre a riqueza dos entendimentos que alcançamos, e sobre o impacto desses aspectos na integração do grupo, percebo que a intensidade deles pode ser potencializada se os alunos e professores estiverem unidos no trabalho desde a formulação da questão a ser investigada.

#### **5.4.**

##### **Palavras finais**

Esta pesquisa foi de grande importância para mim, enquanto educadora, pesquisadora e pessoa, e acredito que para meus alunos também. Espero que possa contribuir, seja em forma de inspiração, iluminação, *insight* ou motivação, para que outros professores e alunos invistam na jornada de entender melhor esse complexo e maravilhoso mundo que é a sala de aula. Espero também ter demonstrado que o estudo do particular pode levar a entender e influenciar o contexto mais amplo em que ele se insere. Espero, por último, que esta investigação ajude a reforçar a “consciência exploratória” de que o trabalho-para-entendimento de professores e alunos juntos, pela união e qualidade de vida de todos, é possível de ser feito por todos seus participantes, independentemente de objetivos acadêmicos, e que esse é o tipo de pesquisa mais relevante para a vida de quem está na sala de aula.